

Cultura estadual está sem limpeza e segurança

Diretores de teatros e museus chegam a pagar do próprio bolso a funcionários de empresas que não recebem da Funarj

Roberta Oliveira

O cancelamento dos contratos de prestação de serviços com empresas de limpeza e segurança, anunciado anteontem pelo governador Anthony Garotinho, pode prejudicar ainda mais o funcionamento de teatros, centros culturais, salas de concerto e museus estaduais. Estes locais vêm trabalhando precariamente há oito meses, desde que a Funarj deixou de pagar as empresas terceirizadas Natureza (de limpeza) e Aquarius (de segurança), que, por sua vez, deixaram de remunerar seus funcionários. Esperando que a Funarj volte a pagar as empresas, alguns diretores vêm comprando do próprio bolso vales-transporte e tickets-refeição para que seguranças e faxineiros continuem trabalhando.

— A situação está insustentável, por um fio — diz Flávio Marinho, diretor da Casa de Cultura Laura Alvim. — Para cuidar da casa seria preciso ter três seguranças e o mesmo número de faxineiros por dia. Atualmente, no entanto, funcionamos apenas com um segurança e um faxineiro. Mas, como eles não recebem há meses, eu e alguns outros funcionários fazemos mensalmente uma “vaquinha” para ajudá-los nas despesas. Nos dias de muito movimento, são os administradores das salas da casa que tiram as latas de refrigerante do cinema e limpam os banheiros.

Presidente da Funarj espera uma decisão de Garotinho

Dizendo estar consciente do funcionamento precário destas instituições, a atriz Bete Mendes, presidente da Funarj, afirma estar esperando uma solução do governador.

— A Funarj tem uma dívida, herdada do governo passado, de quase R\$ 2 milhões, que inclui o não pagamento dessas empresas de limpeza e segurança — diz Bete. — O governador disse que



FACHADA DA CASA de Cultura Laura Alvim: nos últimos oito meses, o centro cultural funciona precariamente com apenas um segurança e um faxineiro por dia

promete racionalizar as despesas, mas ainda não anunciou como isso vai ser feito. A única coisa que podemos fazer por enquanto é esperar esta decisão.

Sem qualquer verba desde que perdeu o patrocínio do Banco Boavista, Flávio diz que não é a primeira vez que a Funarj deixa de pagar as empresas de limpeza e segurança e mostra-se apreensivo com a decisão de Garotinho de cancelar os contratos.

— Se resolverem abrir uma nova licitação, qual vai ser a empresa que vai querer participar? — pergunta Flávio, que diz estar trabalhando numa “economia da escassez”. — Sobrevivemos do percentual que cobramos pelos eventos realizados na casa. Foi com esse dinheiro que construímos um segundo cinema. Mas é claro que, se eu dispusesse de R\$ 240 mil por ano, poderia realizar as obras de que precisamos.

É graças ao nome que conquistou em 43 anos de teatro e muitos prêmios que o ator Ítalo Rossi diz conseguir ajuda de empresas privadas para manter o Teatro Villalobos, do qual é diretor artístico. Como a Funarj não paga a seguranças e faxineiros, ele também está apelando para a boa vontade de seus funcionários e prestadores de serviço.

— Este tipo de atraso no pagamento já se tornou uma coisa vi-

ciosa, e o que me parece é que o governador descobriu que não há mais condições de ser assim — diz Ítalo. — É claro que não podemos sustentar esta situação para sempre, mas enquanto não surge uma decisão damos um jeito. Os funcionários ajudam na limpeza e, através do dinheiro que conseguimos com o aluguel das salas de ensaio, compramos vales-transportes ou o que for preciso para que seguranças e fa-

xineiros continuem trabalhando. Eles têm um respeito muito grande pelo que é feito no teatro, mesmo não recebendo.

Teresa Frota, diretora artística do Teatro Gláucio Gill, também está preocupada com o cancelamento dos contratos anunciado por Garotinho.

— Sei que este problema não é de agora, mas é preciso tomar uma atitude radical — diz ela, que também se prontificou a ajudar seguranças e faxineiros através do fundo da Associação de Amigos do Gláucio Gill. — Estou muito preocupada com o cancelamento dos contratos porque, se perdermos estas pessoas e ninguém for posto no lugar, corremos o risco de ter um funcionamento inadequado ou precário. Mesmo que os funcionários ajudem, é impossível trabalhar sem seguranças e faxineiros, porque a circulação de pessoas pelo teatro é muito grande.

Diretora de museus diz que situação precisa ter um limite

A situação não está precária apenas nos teatros da administração estadual. Alguns diretores de museus também estão encontrando soluções alternativas para a falta de faxineiros e seguranças. Elizabeth Alves, diretora do Museu do Primeiro Reinado, por exemplo, continua contando com um segurança porque ele é funcionário do estado, mas perdeu a maior parte dos funcionários responsáveis pela limpeza.

— A nossa situação é séria e de expectativa — diz Maria Luiza Monteiro, diretora de museus da Funarj. — Alguns faxineiros e seguranças têm comparecido e as sociedades de amigos de cada museu têm colaborado para que eles continuem trabalhando. Em certos casos, os diretores têm contribuído pessoalmente. Quando alguém falta, os próprios funcionários se prontificam para ajudar, porque gostam muito de trabalhar nos museus, mas esta situação tem um limite. ■

MÚSICA EM FAMÍLIA • Continuação da página 1

Um músico tão perto e tão longe dos palcos cariocas

Egberto Gismonti se apresenta regularmente em todo o Brasil mas não é convidado para tocar no Rio

Apesar de morar no Rio, Egberto Gismonti raramente se apresenta em sua cidade. Não por falta de vontade, conta o compositor que, no fim de semana passado, foi uma das atrações da sexta edição do Panorama Percussivo Mundial (Perccpan), em Salvador, onde apresentou-se ao lado de índios Caiamurás.

• **PAISAGEM BRASILEIRA:** “Tenho recebido diversos telefonemas de fãs que se consideram órfãos, perguntando por onde eu ando, dizendo que estou sumido. Vamos dividir o Brasil em dois pedaços: Rio de Janeiro e o ‘resto’. No ‘resto’ tenho tocado todo mês: São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte, Curitiba, Brasília, Salvador, João Pessoa... Só vejo um jeito de tocar no Rio. Se tiver um bom projeto, daqueles culturalmente maravilhosos, posso tocar e até de graça. Como no Rio não costuma aparecer nada disso, fico em casa feliz de olhar essa Mata Atlântica que está sobrando aqui na encosta do Corcovado e os passarinhos que passeiam pela minha varanda. Prefiro ficar aqui quieto escrevendo música para orquestra, o que venho fazendo há anos.”

• **COLO DE PAI:** “Quando eu e meus irmãos éramos pequenos, meu pai nos fez estudar, além da escola, música, francês e contabilidade. Minha mãe reclamava, achava um absurdo criança pequena estudar tanto e ele dizia: ‘Meus filhos tem que ter liberdade. Só tem liberdade quem tem escola’. Os meus filhos, Alexandre e Bianca, falam razoavelmente inglês, francês e contabilidade. Minha mãe reclamava, achava um absurdo criança pequena estudar tanto e ele dizia: ‘Meus filhos tem que ter liberdade. Só tem liberdade quem tem escola’. Os meus filhos, Alexandre e Bianca, falam razoavelmente inglês, francês e contabilidade. Minha mãe reclamava, achava um absurdo criança pequena estudar tanto e ele dizia: ‘Meus filhos tem que ter liberdade. Só tem liberdade quem tem escola’.



GISMONTI: “Chico Buarque é o compositor que mais gosto, tem a evolução e modernidade necessárias ao ato criativo.”

participamos juntos de um projeto lindo, chamado ‘Chorando alto’. Escrevi um arranjo de cordas que chamo de ‘colo de pai’ para acompanhar o piano de minha filha num choro maravilhoso, ‘Escovado’, do Ernesto Nazareth. O Alexandre é violonista, está tocando muito. O ídolo dele é o Leo Brower, o grande compositor e violonista cubano, com quem trabalhei recentemente na Espanha. Leo mandou para ele uma partitura inédita e autografada.”

• **SONHO:** “Gostaria de escrever (música) muito melhor do que escrevo hoje. Me sinto de certa forma satisfeito mas tenho o desejo de continuar estudando para poder fazer cada vez melhor. Tem muita gente que segue os passos dos meus discos dos anos 70. Fico muito feliz, ainda mais sabendo que quando esses discos foram feitos eu não tinha tanta

consciência do que fazia. Tem muito violonista aí pelo mundo fazendo disco de violão e atabaque, seguindo aquela história de ‘Dança das cabeças’. Esse disco foi um acidente. Na época, eu não tinha dinheiro para levar a banda comigo para o exterior. Era o meu primeiro disco na gravadora alemã ECM e como estava com um certo medo de chegar na Noruega sozinho, fui para Paris cinco dias antes. Por sorte encontrei o ator Zóximo Bulbul, num boteco, que me levou para conhecer o Naná Vasconcelos. Três dias depois estávamos gravando em Oslo.”

• **MATURIDADE:** “Divido a minha vida assim: tem música que preciso e tem música que ouço por causa dos meus filhos. Teve uma época em que eu andava comprando discos da Madona, livro de fotos da Madona porque a Bibi (Bianca) era apaixonada pela Ma-

dona. Percebi que não é a música que me faz ficar feliz é a minha filha feliz que me faz ficar feliz. Quando ela parou de gostar, eu como não gostava, parei de gostar também. Já me dou o direito de gostar de coisas que me deixam feliz. Já gravei com muitos cantores populares conhecidos, e que fazem uma música completamente diferente da minha. Uma vez a Bethânia me chamou para gravar e eu expliquei exatamente isso, que só tocaria ou escreveria alguma coisa para um disco dela no dia em que ela cantasse algo que eu soubesse fazer. Para quem já gravou 50 discos eu não tenho mais necessidade de fazer o que não sei. Já cometi erros que não quero repetir. Um deles foi o ‘Olho d’água’, da Marliu Miranda, em que eu passei por cima dela como um rolo compressor. É como se fosse um disco meu no qual a Marliu canta. Então eu dis-

se a Bethânia que fazer uma música no disco que mudasse muito a cara do trabalho poderia ser prejudicial. Particpei de projetos interessantes como o disco ‘Severino’ dos Paralamas, com o Kid Abelha, o Sting. Me diverti tanto quanto gravar com Naná, Charlie Haden, Leo Brower, orquestras etc. Vale tudo que eu goste.”

• **PARATODOS:** “Chico Buarque é o compositor que mais gosto. Ele tem a constante evolução, ousadia e modernidade necessárias ao ato criativo. É o único vivo com essa poção mágica em quantidade. É claro que também gosto do escritor. Adoro os livros ‘Benjamin’, ‘Estorvo’ e as letras, mas estou falando mais do músico, do compositor. É um cara que não respeita padrão nenhum. Ele tem uma intuição tamanho família e sabe o nome dos bois, que nem Guimarães Rosa. Mantém a chama, o risco, a integridade, a dúvida, o lado bissexto. A gente lembra dos melhores compositores brasileiros através de sua música. Ele tem os parâmetros necessários ao ato criativo mais consistente. É o Garrincha e também o Pelé. Você vê a música ‘Paratodos’, não tem nada mais simples, mais óbvio. Aliás esse título é tão bom que dá vontade de roubar. Nada melhor do que contar a própria história com princípio, meio e fim, usando uma música que todo mundo sabe, que é o baião mais conhecido do mundo. Só não é igual a todos porque o Chico é para todos, então tem de tudo um pouco. Estou um pouco cabreiro com o filme ‘Estorvo’, teria que ter uma canção do Chico. É o autor do livro e poderia ter uma canção dele no filme. Mas ele me enrolou, com todo direito, e não vai fazer coisa nenhuma.” ■

MARIO ADNET é compositor e arranjador

Tom instrumental em homenagem a grandes ídolos

Paulo Moura, Hermeto e Wagner Tiso estão em ‘Grandes encontros’

José Domingos Raffaeli

De abril a dezembro, o projeto “Grandes encontros” apresentará parcerias de músicos brasileiros de diferentes estilos. O evento, que vai acontecer no Teatro do Leblon, foi idealizado pelo violonista Marco Pereira, diretor artístico da iniciativa.

— A ideia nasceu de um trabalho que fiz em duo com o pianista Cristovão Bastos — conta Marco Pereira. — Agora expandi o projeto, apresentando concertos mensais com nove parcerias, cada qual homenageando uma figura de destaque da MPB, numa espécie de *revival* de alguns dos nossos maiores músicos.

Encontros de vários gêneros para todos os gostos

A importância do projeto pode ser dimensionada pela categoria dos participantes. A programação será iniciada por Wagner Tiso e o Rio Cello Ensemble, dias 13 e 14 de abril, em homenagem a Tom Jobim e Villa-Lobos.

— Eles são os meus grandes ídolos e sempre toquei a obra dos dois — diz Wagner Tiso.

Grandes Encontros vai prosseguir em maio com o clarinetista Paulo Moura e Os K-Ximblues. Em junho, será a vez do multiinstrumentista Carlos Malta e da banda Pife Muderno; Armandinho e Moraes Moreira tocam em julho; Hermeto Pascoal é a atração de agosto; em setembro, haverá o encontro dos acordeonistas Domingos e Toninho Ferraguti; em outubro, o dos violonistas Marco Pereira e Hamilton de Holanda; em novembro, o de Zé Nogueira e Cristovão Bastos; e tudo termina em dezembro com a Banda Mantiqueira, que tocou no Free Jazz do ano passado. ■